



Alinhavando Bordados: Uma Análise Narrativa de Bordados de Marjane Satrapi¹

Lara Bianca Alves Lima²

Chrislene Carvalho dos Santos Pereira Cavalcante³

Centro Universitário Inta, UNINTA, Sobral- CE

RESUMO

Este estudo identifica os conceitos narrativos de Yves Reuter (2002) na história em quadrinhos *Bordados* (2010), obra de Marjane Satrapi, um compilado de contos sobre experiências pessoais das mulheres de sua família. Aqui focamos especialmente nas ferramentas narrativas presentes na obra, em como estas apresentam-se, destacam-se e diferenciam-se em uma história em quadrinhos. Assim, compreendemos como a linguagem dos quadrinhos (Groensteen, 2015) foi relevante para o desempenho da narrativa, para além do formato, é um instrumento dentro do processo comunicacional que desempenha seu papel de maneira singular. Uma vez que a obra em questão é um exemplo de como as HQs podem ser ambiente para explorar temas como memória e identidade, assim, endossa o espaço da narrativa em quadros como ambiente de potencialidades e diversidade.

Palavras-Chave: Linguagem; histórias em quadrinhos; mulheres; Marjane Satrapi.

Introdução

A comunicadora visual Marjane Satrapi nascida em 1969 na cidade de Rasht, neta do último imperador persa, assistiu à derrubada do Xá em 1979 e à transformação do modo de vida em seu país. Dez anos depois, iria mudar-se para França, convivendo com a realidade de migrante em todas suas singularidades (Satrapi, 2007). Já em 2000, publicou sua primeira obra, o quadrinho autobiográfico *Persépolis*, a publicação tornou-se um livro símbolo do momento histórico do Irã para o ocidente⁴.

Mais tarde, em 2003, lançaria *Bordados*, publicado no Brasil pela Companhia das Letras em 2010, outra história em quadrinhos com teor biográfico, o que reafirma seu interesse em publicar memórias e compartilhar suas vivências enquanto mulher persa. É

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GTNE01 - A linguagem dos quadrinhos: epistemologia da comunicação entre quadros, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Jornalista formado pelo Centro Universitário INTA, UNINTA, 2023. E-mail: larabiancalima@gmail.com

³ Orientadora do trabalho: Professora Doutora Chrislene Carvalho dos Santos Pereira Cavalcante Pró-reitora de Pesquisa do Centro Universitário UNINTA, email: propesp@uninta.edu.br

⁴ ASSIS, Erico. *Persépolis*, 20 Anos, Blog da Companhia da Letra, 04/09/2020. Disponível em <https://www.companhiadasletras.com.br/blogDaCompanhia/Post/5374/persepolis-20-anos>.



assim que surge seu segundo livro, uma conversa íntima entre as mulheres de sua família enquanto se reúnem para um chá. A publicação permeia a narração de Satrapi como uma das personagens na conversa e muda de perspectiva ao passo em que cada uma ali conta sua experiência. Elas levantam pautas relacionadas a gênero, sexo e convenções sociais impostas as mulheres ao longo da vida.

Nesta coleção de contos curtos e não lineares, Marjane costura à sua maneira os relatos em uma narrativa ilustrada. Ao considerar a obra em quadrinhos não somente como formato de mídia ou escolha estética, mas como linguagem, questiona-se: O que pode a linguagem dos quadrinhos na narrativa de *Bordados*?

Ao considerar o contexto, para estabelecer a potencialidade do uso da linguagem dos quadrinhos como compreende Thierry Groensteen (2015), a fim de entender o papel central da narração na obra, a metodologia escolhida foi a de Yves Reuter em *Análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração* (2002). Uma vez que o método identifica as ferramentas usadas para ligar a história ao leitor tais como foco, tempo e espaço. Por meio desta observamos como o formato em quadrinhos permite e evoca novas perspectivas quanto a ação de narrar uma história.

Metodologia

A base teórica do estudo de histórias em quadrinhos que utilizamos é a de Thierry Groensteen em *O Sistema dos Quadrinhos* (2015). O autor defende a autonomia das histórias em quadrinhos como uma linguagem própria, e não uma ferramenta ou fenômeno proveniente de algo. Em sua compreensão, esta linguagem possui sua própria dinâmica semiótica e solidariedade icônica. Isto é, cada quadro coexiste em um sistema, o significado é o agrupamento e sequenciamento dos quadros dentro da narrativa.

A plasticidade da história em quadrinhos, que lhes permite veicular mensagens de todo tipo e narrações outras que não a ficção, demonstra que, antes de ser uma arte, os quadrinhos são perfeitamente linguagem. Porém, não é necessário, neste ponto da reflexão, forçar ainda mais a preocupação quanto a delimitar o meio. Basta a nós saber que não é possível conceituar os quadrinhos sem verificar a regra geral já enunciada, a da solidariedade icônica (Groensteen, 2015, p. 29).



Desta maneira, podemos aqui compreender a potência narrativa de *Bordados* dentro desta linguagem, mesmo que a obra exista em algumas particularidades. Como a omissão das molduras, abuso de espaços vazios (*gutter*) e letras cursivas. Escolhas estéticas da autora para contribuir com o tom de conversa coloquial, diário confessional, que a obra almeja passar.

Ao compreender os quadrinhos como uma linguagem possibilita a contação de história em uma perspectiva diferente da literatura e cinema, por exemplo. Não somente a forma distingue-se, por muitas vezes se redefinem, como a ideia de narrador. Neste campo, existem debates ativos. O professor Ricardo Jorge de Lucena Lucas, em artigo publicado em anais da Jornadas Internacionais de História em Quadrinhos (2011), aborda a presença tanto de um narrador quanto de um 'mostrador-sinalizador'. Estes podem existir de maneira ativa ou indefectível na disposição dos quadros. Não há uma unidade estrutural rígida, mas existe de forma múltipla e diferencia-se inclusive dentro de si.

Assim, é relevante compreender a obra e suas características centrais para apontar uma metodologia que caiba para sua compreensão assertiva. Por este motivo, no presente estudo, identificamos e caracterizamos a narrativa da obra *Bordados* (Satrapi, 2010), de Marjane Satrapi, segundo a análise narrativa de Yves Reuter (2002). Ao considerar que esta e as demais obras de Satrapi – *Persépolis* (2007) e *Frango com Ameixas* (2008) – são narrativas homodieéticas de focalização interna. Podemos por meio deste método compreender quais ferramentas narrativas a autora utiliza para contar as histórias das personagens, e assim responder a questão “O que pode a linguagem dos quadrinhos na narrativa de *Bordados*?”

Para tanto, a metodologia foi aplicada da seguinte forma: identificar dentro da obra as estruturas que Reuter (2002) adota como centrais para a construção de uma história. Após identificar ‘narrador’, ‘focalização’, ‘tempo’, ‘espaço’ e ‘personagens’, seguiremos para a compreensão destes dentro do espaço da linguagem das histórias em quadrinhos (Groensteen, 2015), como apresentam-se e como efetivam a construção da narrativa.

Análise e Resultado

Reuter (2002) define que “O narrador é fundamentalmente constituído pelo conjunto de signos linguísticos que dão uma forma mais ou menos aparente àquele que narra a



história.” no caso de *Bordados* (Satrapi, 2010), o ‘narrador’ é homodiegético, ou seja, Marjane Satrapi se coloca como parte da história ao narrar suas próprias vivências e as de sua família. A ‘focalização’, por sua vez, é internamente variada, pois a narrativa não se limita ao ponto de vista de um único personagem, tendo em vista que cada experiência é contada por uma mulher ali presente. Ao longo da obra, os leitores têm acesso a diferentes narradoras, o que permite um olhar mais amplo sobre a conjuntura social e as relações entre as mulheres por meio com os comentários e posicionamentos diversos.

A escolha dessa focalização múltipla contribui para que as vozes femininas se destaquem e mostrem as diversas formas que a sociedade patriarcal afetou ativamente suas vidas. Na linguagem de quadrinhos esta mudança de perspectiva acontece de maneira direta, a parente que inicia a narrativa em seus balões de fala e logo há a compreensão de que esta personagem irá narrar a próxima história.

Por isso, o ‘tempo’ não segue uma sequência linear rígida; ao invés disso, há um jogo entre o presente e o passado, com os diálogos das personagens sendo intercalados por analepses que trazem à tona memórias e eventos passados em uma decupagem é sutil, por não haver delimitação de quadros. Groensteen (2015) dá o exemplo de *Watchmen* (Moore; Gibbons, 1986) como um quadrinho que utiliza a narrativa não linear e como a compreensão de tempo se dá na sequência de vinhetas.

Ao longo da contação, as familiares comentam e posicionam-se sobre o que ouvem, esta é uma das formas com que a obra nos mostra a personalidade das mulheres da família de Marjane ali reunidas. Os ‘personagens’ em *Bordados* são retratados de forma complexa, com características bem definidas e com foco em suas emoções e atitudes. Elas possuem um desenvolvimento mais profundo, ressaltam suas contradições e aspirações. Além disso, as personagens femininas desempenham um papel central na obra, cada uma delas apresenta uma função simbólica ao compartilhar suas histórias de vida e as estratégias para lidar com as imposições sociais e culturais.

“A personagem como individualidade reconhecível se dissolve quando todas as personagens se assemelham entre si, destruindo a própria ideia de identidade (Groensteen, 2015, p. 26).” por isso há o cuidado em distinguir cada mulher presente na conversa para não



deslegitimar suas identidades. A linguagem coloquial e o discurso direto dos quadrinhos por meio dos balões nos permite perceber as características centrais da personalidade de cada uma com base em suas falas, e claro, as ilustrações distinguem cada uma esteticamente. O apelo visual da ilustração também colabora para a compreensão das emoções, tendo em vista que os desenhos em nanquim de Satrapi são minimalistas e priorizam a expressividade.

Considerações

Como Satrapi já esclareceu que suas obras são quadrinhos porque é a linguagem que acolhe suas memórias e sua identidade (Satrapi, 2003). A escolha revela-se não apenas uma decisão estética, mas também uma estratégia narrativa poderosa. Ao unir texto e imagem, Satrapi constrói uma ponte entre a memória pessoal e a história coletiva, democratiza o acesso a temas complexos como repressão e identidade cultural. A aparente simplicidade do traço e o uso do preto e branco contrastam com a densidade da narrativa, proporciona ao leitor uma experiência emocional intensa e acessível. Dessa forma, Satrapi reafirma o potencial dos quadrinhos como meio legítimo de expressão artística e política, ao romper barreiras entre o pessoal e o universal, entre o Oriente e o Ocidente, e entre o literário e o visual. Para tanto, *Bordados* não poderia ser outro que não uma história em quadrinhos.

Bordado em sua definição denotativa é um tipo de costura, mas também é como chamam no Irã a prática de reconstituir o hímen (Satrapi, 2010) e na obra analisada, é também seu sentido conotativo de costurar uma história na outra. O título faz sentido na união de todas as definições da palavra, é como uma costura – atividade majoritariamente feita por mulheres – é o paradigma da virgindade, sexualidade feminina e a união das histórias de várias mulheres. A experiência de ser mulher nunca é solitária, diferentes personalidades e vidas encontram-se em um denominador comum, o desafio de existir em um mundo tão patriarcal. Mesmo que a autora estabeleça um olhar mais expositivo, não tão crítico como em *Persépolis*, aos acontecimentos que narra – tanto o texto, quanto as ilustrações – ela almeja compor uma unidade. O feminino apresenta-se aqui como uma experiência coletiva. Enquanto *Persépolis* busca apresentar ao ocidente uma vida atravessada por questões sociopolíticas incompreendidas e estigmatizadas, sua segunda obra busca fazer-nos – enquanto ocidentais – compreender que a materialidade do ser mulher existe em uma coletividade.



Bordados tem um contexto feminino presente, forte e que fura o cerco para ter sua linguagem. Descortina uma comunicação feminina coberta por véus e ao considerarmos a tapeçaria no oriente médio, com sua força identitária, vai se construindo como espaço de comunicação, o dito, escrito, o imagético, a história em quadrinhos.

Os dramas, desafios e realizações das iranianas reunidas ali não são tão distantes quanto os enfrentados por outras mulheres em um parâmetro global. Inclusive, em dado momento, Tia Parvine comenta como os ocidentais são mais livres, logo em seguida Tia Zozan afirma que apenas se escondem em uma suposta liberdade enquanto mulheres seguem estigmatizadas. O que se prova em vários momentos abordados, como a tia que casou por amor, mas se divorciou após anos de traição, ou a que o marido só a procurava para ter relações sexuais com o objetivo de ter filhos e nunca a satisfaz. Situações que não precisamos atravessar oceanos para conhecer.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Erico. **Persépolis, 20 Anos**, Blog da Companhia da Letra, 04/09/2020. Disponível em <https://www.companhiadasletras.com.br/blogDaCompanhia/Post/5374/persepolis-20-anos>.

GROENSTEEN, Thierry. **Comics and Narration**. Jackson: University Press Of Mississippi, 2013.

GROENSTEEN, Thierry. **O sistema dos quadrinhos**. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial Editora, 2015.

LUCAS, Ricardo Jorge de Lucena. **NARRATOLOGIA E HQS: o problema do “narrador”**. In: JORNADAS INTERNACIONAIS DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS, 1., São Paulo. São Paulo: Usp, 2011.

REUTER, Yves. **Análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

SATRAPI, Marjane. **Bordados**. Tradução Paulo Werneck. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SATRAPI, Marjane. **Persépolis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SATRAPI, Marjane. **Why I Wrote Persepolis**, 2003. Disponível em: <https://greatgraphicnovels.wordpress.com/wp-content/uploads/2013/04/whyiwrotepersopolis1.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2025.